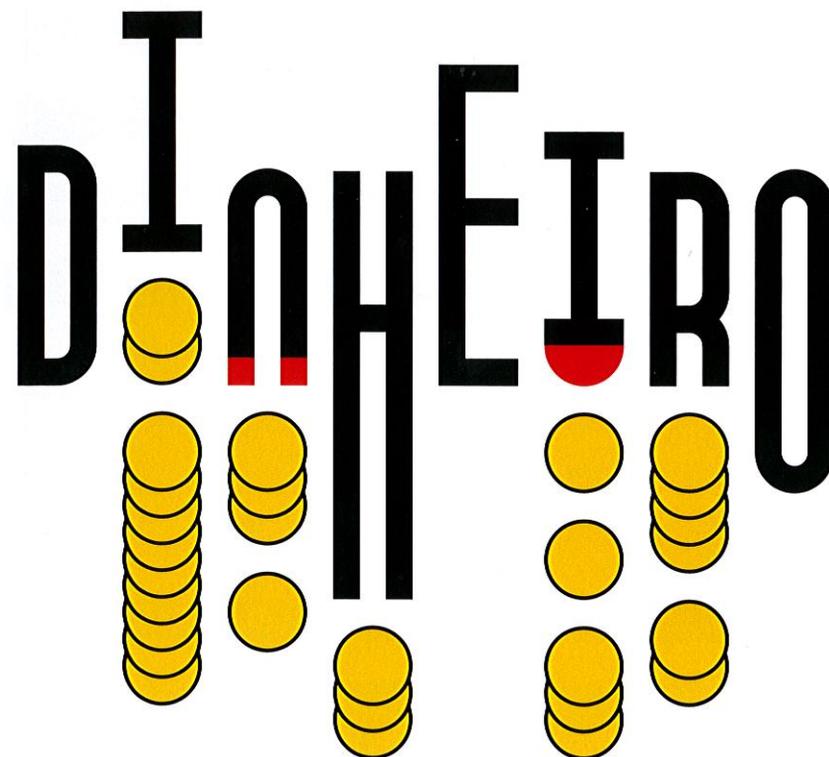




$\frac{b}{a}$

belas-artes
ulisboa



António Garcia Lopez
Cristóvão Pereira
Ilídio Salteiro
João Castro Silva
João Jacinto
João Paulo Queiroz
Jorge dos Reis
Manuel Gantes
Omar Khouri
Rodrigo Baeta

THE
ART
OF
THE
ARTIST



.....
Ficha técnica
.....

DINHEIRO

Instituto Superior de Economia e Gestão

28 de outubro a 28 de novembro de 2016.

Rua do Quelhas, n.º 6, 1200-781 Lisboa, Portugal. (+351) 213 925 800

Aberto das 9:00 às 19:30. Encerra sábados e domingos.

.....

Obras de: António Garcia Lopez, Cristóvão Pereira, Ilídio Salteiro, João Castro Silva, João Jacinto, João Paulo Queiroz, Jorge dos Reis, Manuel Gantes, Omar Khouri, Rodrigo Baeta.

.....

Curadoria: Amélia Branco; Ilídio Salteiro

.....

Apoio de curadoria: Anabela Mota, Margarida Vinhais, Mariana Scarpa

.....

Catálogo:

Design: Jorge dos Reis

Impressão: Gráfica Expansão

.....

Edição: FBAUL - ISEG, Lisboa, 2016

ISBN: 978-989-8771-54-4

.....

Apoios: ISEG, FBAUL; GAB-A

.....
DINHEIRO
.....

Instituto Superior de Economia e Gestão

28 de outubro a 28 de novembro de 2016

.....

Exposição de:

António Garcia Lopez

Cristóvão Pereira

Ilídio Salteiro

João Castro Silva

João Jacinto

João Paulo Queiroz

Jorge dos Reis

Manuel Gantes

Omar Khouri

Rodrigo Baeta

.....

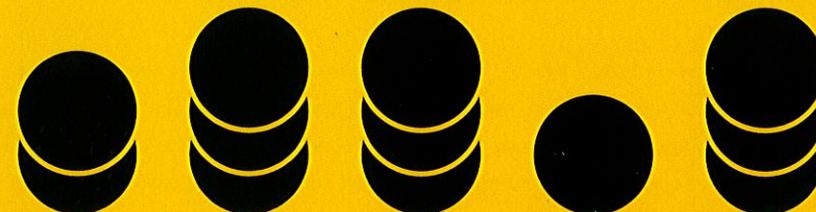
ISEG

FBAUL

.....

Lisboa

2016



O dinheiro é um conceito abstrato, na sua essência imaterial, com um significativo impacto na sociedade moderna, inerente ao desenvolvimento económico e a muitos dos conflitos sociais que encontramos ao longo da história. Penso que é um conceito extremamente interessante para exprimir a criatividade e imaginação de um artista, numa reflexão sobre a sociedade em que vivemos.

A todos os Colegas e Artistas envolvidos os meus agradecimentos, em nome do ISEG, pelo excelente trabalho realizado e votos dos maiores sucessos para projetos futuros.

Mário Caldeira, 2016.

Presidente do Instituto Superior de Economia e Gestão

DINHEIRO

Porque não entender o dinheiro como uma palavra-chave?

“Dinheiro” é um projeto artístico iniciado em 2015 que envolveu um conjunto de artistas / professores de artes, maioritariamente universitários. Este projeto foi adquirindo um corpo formal e conceptual, com um vincado propósito de se expor no Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa.

Por muitas razões. Mas porque a arte e os seus processos nunca se encontram desligadas dos contextos. Por isto a universalidade dos problemas, aparentemente individuais, com que todos nos deparamos, foi o motivo para pensarmos o dinheiro com um lugar-comum da estrutura social que nos organiza. Um lugar, comum a todos, que nos transforma numa massa coletiva, que apesar de informe

e mais ou menos desconsiderada, consegue constituir-se em humanidade.

Uma entidade coletiva ordenada por sistemas convencionados, normativos e rigorosos, mas sempre suscetíveis de infinitas adequações.

Deste modo, pensar no “Dinheiro” como um sistema, como uma “palavra-chave” ou como um “lugar-comum”, foi o desafio assumido por artistas de várias áreas, entre elas o desenho, o design, a pintura, a escultura e a literatura. Pessoas com diferentes percursos, conceções e processos artísticos.

O objetivo é estabelecer confrontos visuais entre as diversas formas e soluções estéticas encontradas à volta deste assunto e expô-las, motivando interrogações e interpretações, aparentemente inconclusivas mas sempre subliminarmente enriquecedoras porque passíveis de proporcionarem muitas e diferentes sinergias.

Este projeto enraíza-se no princípio que a arte, como os demais ramos do conhecimento, não se estrutura em função de si própria, mas em função de encruzilhadas, de incógnitas, quer materiais quer espirituais, que atravessam cada ser e a sociedade em geral, sondando e prospetando sempre.

«Dinheiro», enquanto exposição coletiva com dez participantes, não foi estruturado como grupo. Trata-se apenas de um conjunto de pessoas, de artistas, que têm e desenvolvem processos de investigação artística pessoais, diferenciados, mas com abertura para responderem a qualquer problema.

O dinheiro tem sido a justificação para todos os conflitos e para todas as alegrias. Corresponde a uma idade do Homem cuja origem reside nas trocas, no valor e no poder de uns sobre os outros. O dinheiro é líquido, sólido e simbólico. O dinheiro é matéria, forma e preconceito. O dinheiro dá forma ao Homem.

Mas se não existisse esta estrutura social, como seria o Homem? Haverá outro sistema para além do dinheiro? Ou o dinheiro é intrínseco ao Homem contemporâneo?

Os artistas que se disponibilizaram para se debaterem com a palavra “dinheiro”, como palavra-chave, são António García Lopez, Cristóvão Valente Pereira, Ilídio Salteiro, João Jacinto, João Castro Silva, João Paulo Queiroz, Jorge dos Reis, Manuel Gantes, Omar Khouri, Rodrigo Baeta.

As respostas são muitas...

Ilídio Salteiro,
Junho de 2016

.....

Todos os trabalhos, expostos pertencem à série "Personagens da Crise", nos faz refletir sobre as complexas narrativas do universo político e sociológico que envolve a nossa contemporaneidade. A referências estéticas pela utilização frequente de fotomontagens de carácter narrativo ou mesmo descritivo, nos conduzem a uma obra onde por vezes se pode sentir uma revisitação ao dadaísmo e à pop arte. Mas esta dimensão formal e estética, de superfícies planas, recortadas e sobrepostas, é sempre acompanhada por uma dimensão fortemente sociológica. Os títulos de cada um dos trabalhos, sempre acompanhados de descrições analíticas mais extensas, reforçam e fazem sobressair a comunicação. Como o título desta exposição, **Dinheiro, Deus único e verdadeiro**, toda civilização teve seus deuses, no Egito o deus Aton, no antigo deus grego Zeus, na Roma antiga era Júpiter, e então veio muitos mais, mas hoje não temos dúvida, ele é chamado dinheiro, e é o único deus verdadeiro.

.....

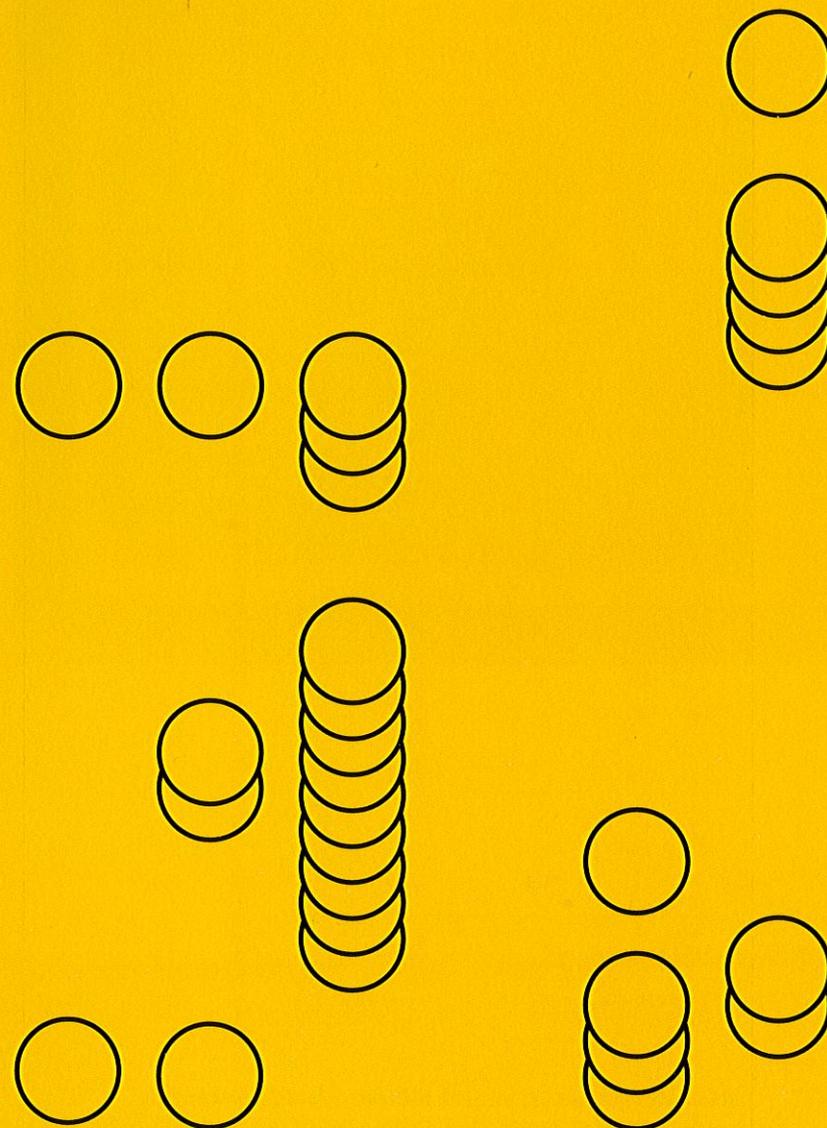
Antonio García López: Artista plástico, investigador e professor da área da Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Múrcia (Espanya). Licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de São Carlos. Doutor em Belas Artes pela Universidade Politécnica de Valência. Premiado e seleccionado em inúmeros eventos artísticos. Realizou diversas exposições, tanto nacionais como internacionais. Enquanto investigador, destacam-se como linhas de investigação as relações entre o cinema e a pintura e as poéticas expressivas resultantes da incorporação de materiais industriais na criação pictórica contemporânea.

Outras informações:

<http://webs.um.es/antoniog/miwiki/doku.php>

Antonio García López

Valencia, 1970





El monstruo dinero / O monstro dinheiro / Money Monster, 2016.
Cartón pluma, papel, monedas de chocolate y pan de oro / caja, 50 x 50 cm.



Los bebés robados / Os bebês roubados / Stolen babies, 2013.
Cartón pluma, pvc termodeformado, plástico, papel y alquídico / caja, 55 cm x 55 cm.

Ábaco

O ábaco é um instrumento milenar, usado por vários povos em todo o mundo sob várias formas, para cálculo, contabilização, quantificação, medição e contagem material. É assim um equipamento e um testemunho do materialismo da nossa sociedade, e logo, do dinheiro. A sua maior singularidade estará talvez no contraste entre a simplicidade da sua construção e a complexidade e multiplicidade dos usos, o que no fim pode retratar, quer o génio, quer o paradoxo da natureza humana.

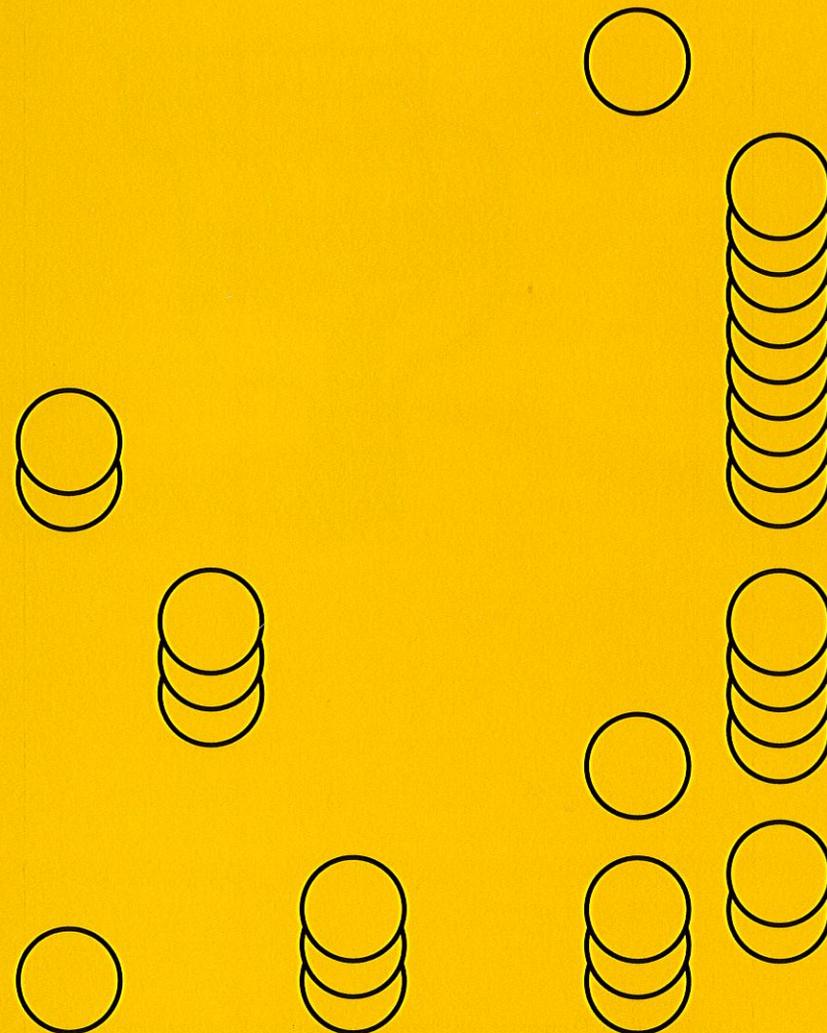
O ábaco em proposta – de organização tipo “soroban” japonês – destina-se a ser implantado no espaço exterior do campus do ISEG. Poderá ser considerado tanto um elemento de ornamento, como de utilidade prática, ou como uma evocação da memória e do passado dos vários saberes ensinados neste Instituto.

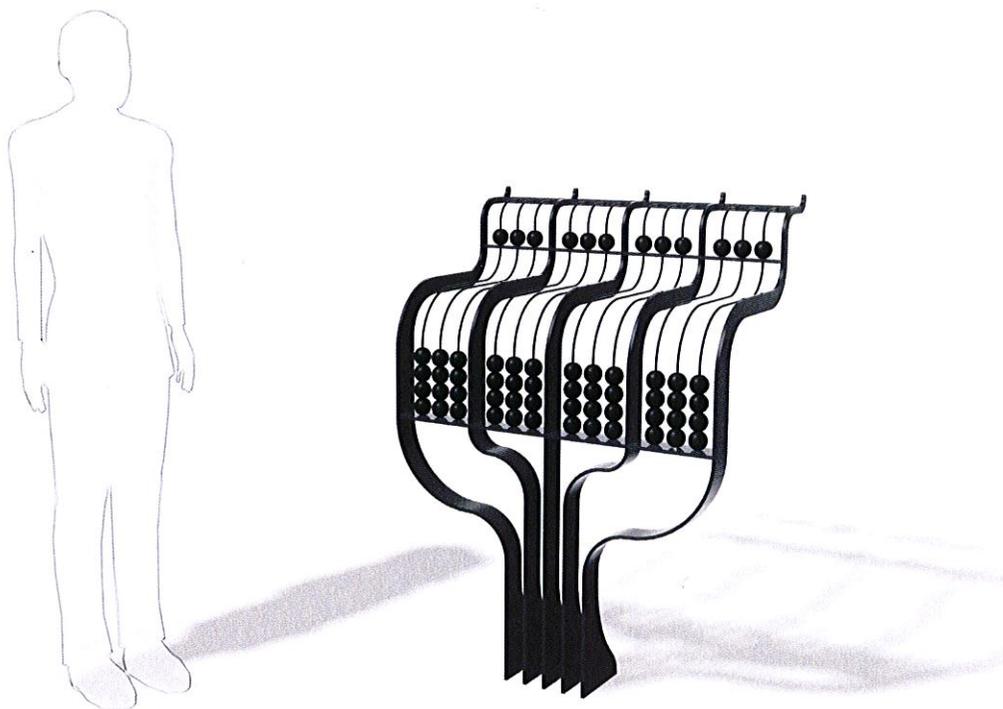
Assim, para além da sua dimensão e materiais, também a geometria foi reequacionada para os requisitos do uso e do contexto em questão: a ondulação da sua estrutura permite maior presença no espaço mas também manter cada conta nas duas posições necessárias na estrutura agora vertical.

Cristovão Valente Pereira: Docente em Design de Equipamento da FBAUL desde 1997, é atualmente Professor Auxiliar e Coordenador da Licenciatura. É investigador do CIEBA. É doutorado pela Universidade de Barcelona através do programa “Espaço Público e Regeneração Urbana”. Licenciou-se em Design de Equipamento pela ESBAL 1991, cujo projeto final da licenciatura ganhou Menção Honrosa no concurso internacional Sony Design Vision. Trabalhou em ateliers e empresas e em atelier próprio, onde realizou, coordenou e produziu vários projectos e consultoria em Design industrial, de Interiores e Urbano. Participou em diversas exposições, como a Experimentadesign de 1999 e a “Linha de água” em 2003. Integrou a Direção da Associação Portuguesa de Designers entre 2003 e 2008, tendo desempenhado o cargo de Presidente da Direção, contribuindo para a institucionalização da atividade do designer. Tem contribuído com artigos e comunicações em conferências nacionais e internacionais sobre o tema do Design Urbano.

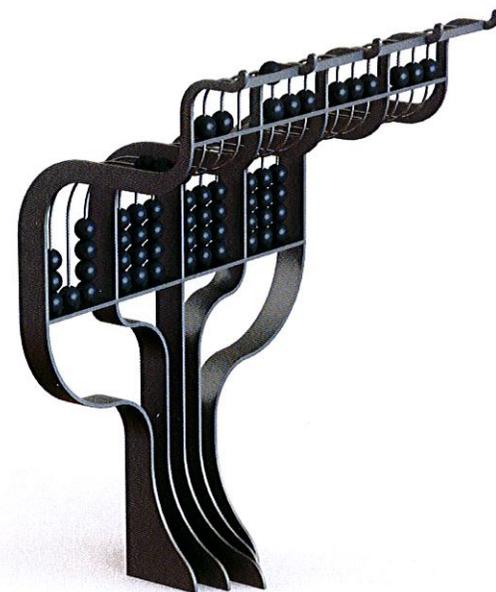
Cristóvão Valente Pereira

Lisboa, 1966





Abaco, 2016. Projeto de equipamento, visualização, vista anterior



Abaco, 2016. Projeto de equipamento, visualização, vista posterior

Mundos desenhados pelo dinheiro!

Aparências, equivalências, semelhanças ou igualdades.

Desigualdades, injustiças, desequilíbrios.

Rigor, cálculo e certeza ao acaso.

Império da arbitrariedade do valor.

Aleatoriedades entre o caos e a ordem.

Números exatos com princípio, mas sem fim.

Construir, fazer e transformar matérias em outros ouros.

Geometrias, geopolíticas, geoestratégias!

Haverá espaço para utopias?

(Ilídio Salteiro, Santa Bárbara de Nexe, 2016)

Ilídio Salteiro: Artista plástico / pintor, professor e investigador.

Licenciado em Artes-plásticas / Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, Mestre em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa e Doutor em Pintura pela Universidade de Lisboa.

Participou em inúmeras exposições coletivas desde 1979 e realizou 30 exposições individuais. Destas, a mais recente, intitulada "O Centro do Mundo", decorreu no Museu Militar de Lisboa entre Maio e Outubro de 2013.

Desde 2011 desenvolve projetos de curadoria em arte contemporânea, entre os quais se destacam dez edições das "GAB-A" Galerias Abertas das Belas Artes, "A Sala da Ruth" na Casa das Artes de Tavira, entre Julho e Setembro de 2015, "Evocação da Grande Guerra" no Museu Militar de Lisboa entre 2016 e 2018 e "Prémio Casa das Artes de Tavira 2015-2016".

Outras informações:

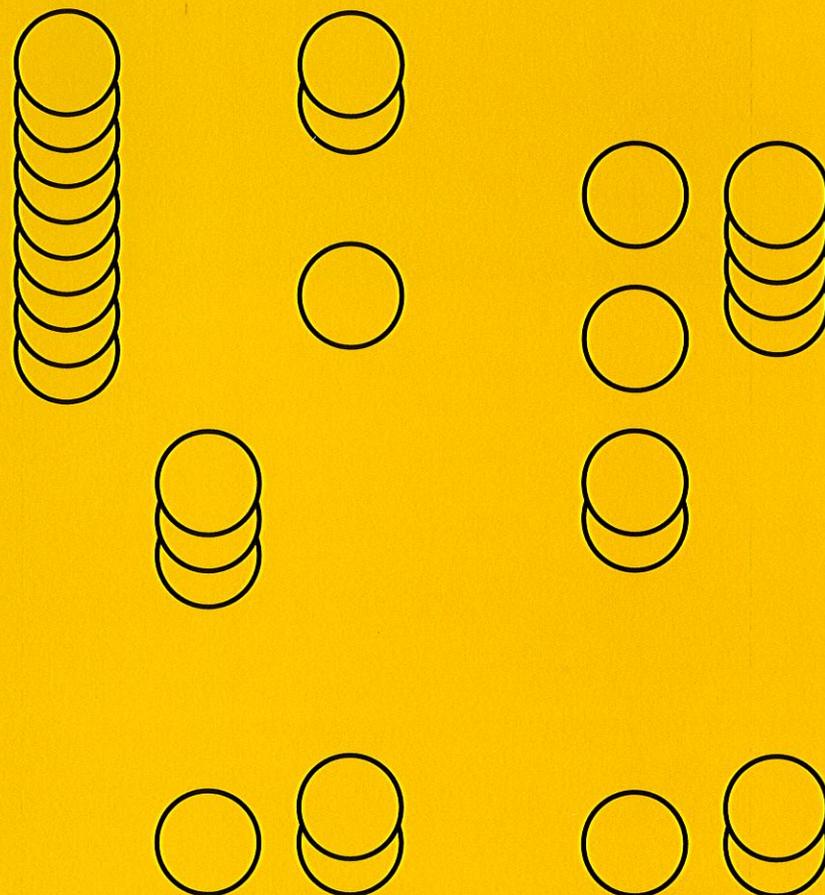
www.salteiro.blogspot.com

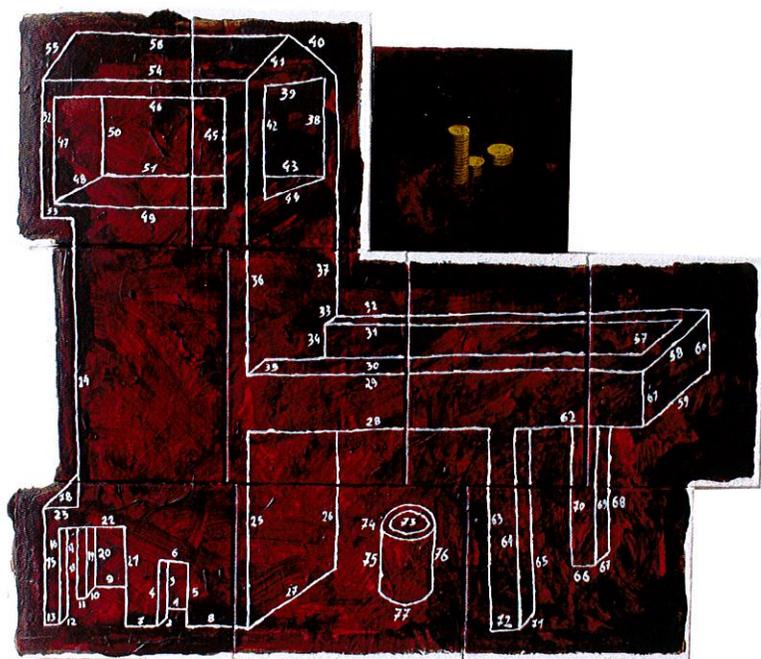
www.salteiro.arte.com.pt

www.arte.com.pt

Ilídio Salteiro

Alpedriz, Alcobaça, 1953





Aleatório Valor Rigor (I), 2016. Óleo sobre tela, 97 cm x 116 cm.



Aleatório Valor Rigor (III), 2016. Óleo sobre tela, 84 cm x 111 cm

Tolerância Mentira Privacidade Firmeza Ruína Igualdade Perda Vício Destruição
Intimidade Juízo Terrorismo Violação Estética Comunhão Censura Identidade Fome
Tortura Convívio Agressividade Violência Força Liberdade Oposição Disputa
Aniquilação Saúde Proporção Privação Carência Miséria Potência Segurança
Discórdia Emancipação Cultura Política Autonomia Doença Harmonia Luta
Alimentação Debate Abrigo Energia Ordem Transgressão Identidade Belo
Protecção Informação Contaminação Educação Corrupção Economia Resistência
Votação Arbítrio Desobediência Choque Obrigação Manifestação Instrução
Coacção Imposição Luta Dever Infracção Exigência Devastação Vigor Artifício
Determinação Independência Cortesia Sentença Poder Extermínio Civilidade
Perversão Confiança Determinação Manipulação Impacto

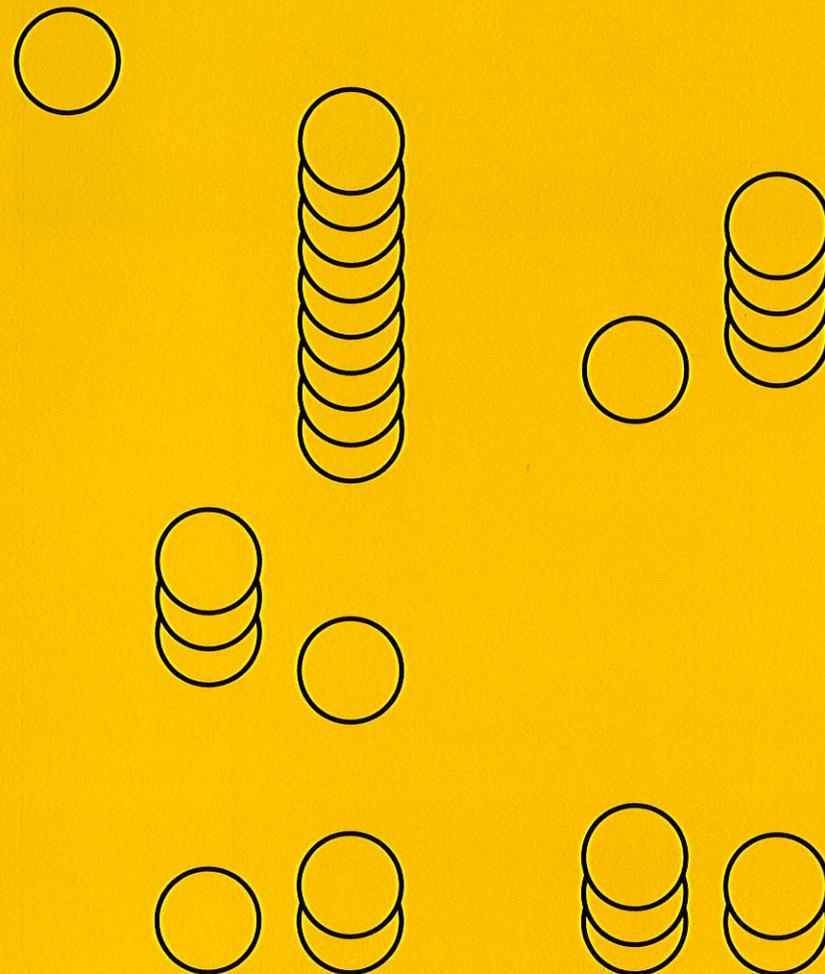
João Castro Silva: 1992, Licenciatura em Escultura FBAUL 1994 Frequência do
Royal College of Art Londres 2001 Mestre em História da Arte ULL 2010 Doutor em
Escultura da FBAUL. É, desde 1995, docente do curso de Escultura na FBAUL.
Expõe desde 1992. Prémios (selecção) 1998 2º Prémio do "II Simpósio
Internacional de Escultura em Ferro de Abrantes". 1999 Menção Honrosa -Prémio
Fundação Calouste Gulbenkian- no "III Concurso de Jovens nas Artes -Francisco
Wandscheider" Culturgest, Lisboa. 2005 Prémio Doutor Gustavo Cordeiro Ramos.
Academia Nacional de Belas Artes. Escultura pública (selecção) Rotunda da Areia,
Cascais. Área de Serviço Repsol – A 20. B.Braun Medical LDA, Queluz de Baixo.
Parque do Alto de Sto. António, Abrantes.Heidrick & Struggles, Lisboa. Montauban,
França. Novimed, Lisboa. Montjean-sur-Loire, França. Saraiva e Associados,
Arquitectura e Urbanismo, Lisboa. Igreja de S. José Carpinteiro, Catujal, Loures.
Centro Cultural Eng. Adolfo Roque, Barro, Águeda. Prime Yield, Lisboa. Dr. Horácio
Louro, Costa da Caparica. Kolosso, Torres Vedras. S. Pedro, Torres Vedras.
Outras informações:

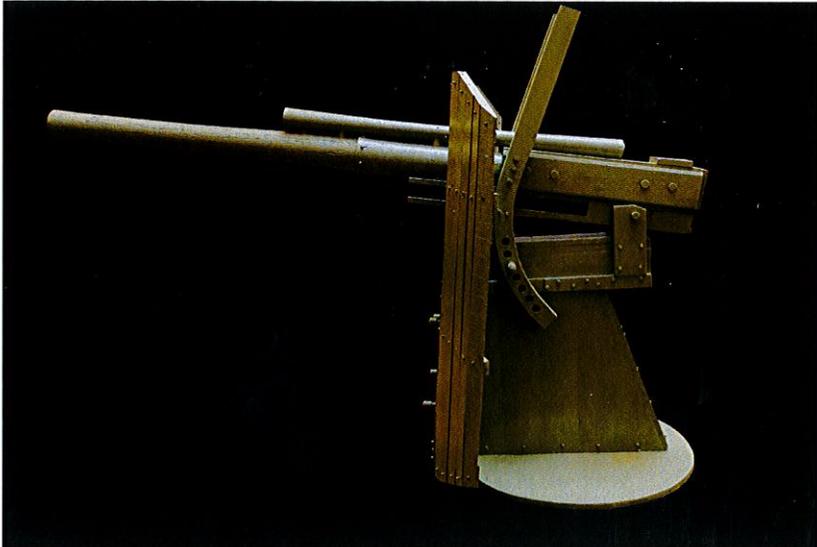
<http://joacastrosilva-escultura.blogspot.pt/>

<http://trema-arte.pt/artistas/jo%C3%A3o-castro-silva/index>

João Castro Silva

Lisboa, 1966





Canhão, 2016. 170 x 280 x 80 cm, Madeiras



Cão, 2016. 115 x 175 x 57 cm, Madeiras

João Jacinto

Mafra, 1966

.....
João Jacinto: vive e trabalha no Monte Estoril.

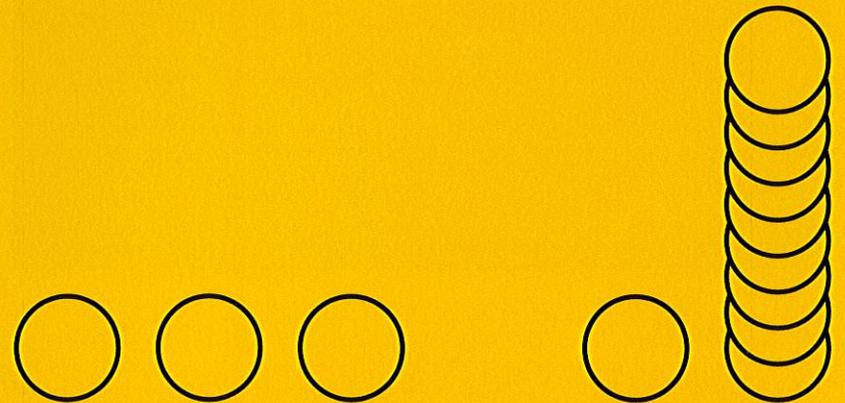
Em 1985 iniciou os seus estudos artísticos na E.S.B.A.L. Lecionou entre 1989 e 1992 no Ar.co em Lisboa. É, desde 2001, professor na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. E o próprio artista comenta desde sempre com os seus alunos: "Às vezes aquilo que nós chamamos erro ou acidente ou parte mal desenhada, se é aceite e assimilada no fazer da página, transforma-se naquilo que de verdadeiramente surpreendente e interessante essa página de desenho tem." As mais recentes exposições individuais são em 2016 "A Casa Afundada", desenhos, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança e "À Superfície das Coisas o Pó", pintura, Casa da Cultura, Setúbal; em 2015. "O Ódio é Figurativo", desenhos, Galeria Fernando Santos, Porto, "Tudo menos outra coisa" (com Mariana Gomes), pintura, Galeria Sete, Coimbra, "O ódio é figurativo", desenhos, Centro Cultural da Guarda, Guarda e "Academias", desenho, Plataforma Revólver, Lisboa.

Tem exposto em variadíssimas instituições públicas e galerias privadas em Portugal e no estrangeiro e sua obra encontra-se representada em colecções públicas e privadas, nacionais e internacionais.

Outras informações:

http://www.galeriafernandosantos.com/artists_detail.php?id=87

http://www.jeogaleria.com/exposicoes/2014_05_jj_1.html





Néscios / matéria, 2016. Papel...



Néscios / matéria, 2016. Papel...

operae pretium est

Este ano pintei as mesmas árvores várias vezes, em várias horas e em vários dias. Quando terminei cada pintura, ergui-a lado a lado a essas árvores, e fotografei. A fotografia documenta a pintura: foi feita naquele sítio, àquela hora, com aquele céu, aquelas sombras. A pintura representa a árvore. A fotografia representa a pintura quando foi terminada, ao lado da árvore que a originou.

Pintei a mesma árvore mais de cem vezes, e a partir do mesmo sítio, porque nunca era igual. E assim fotografei as pinturas, uma a uma, quando as concluí. As pinturas sempre diferentes, e as fotografias sempre diferentes.

Entre o pensamento e a coisa há um espaço, como há entre um vendedor e um comprador: o *inter-pretium*, é o preço acordado. De *inter-pretium* vem *interpretatio*: a interpretação.

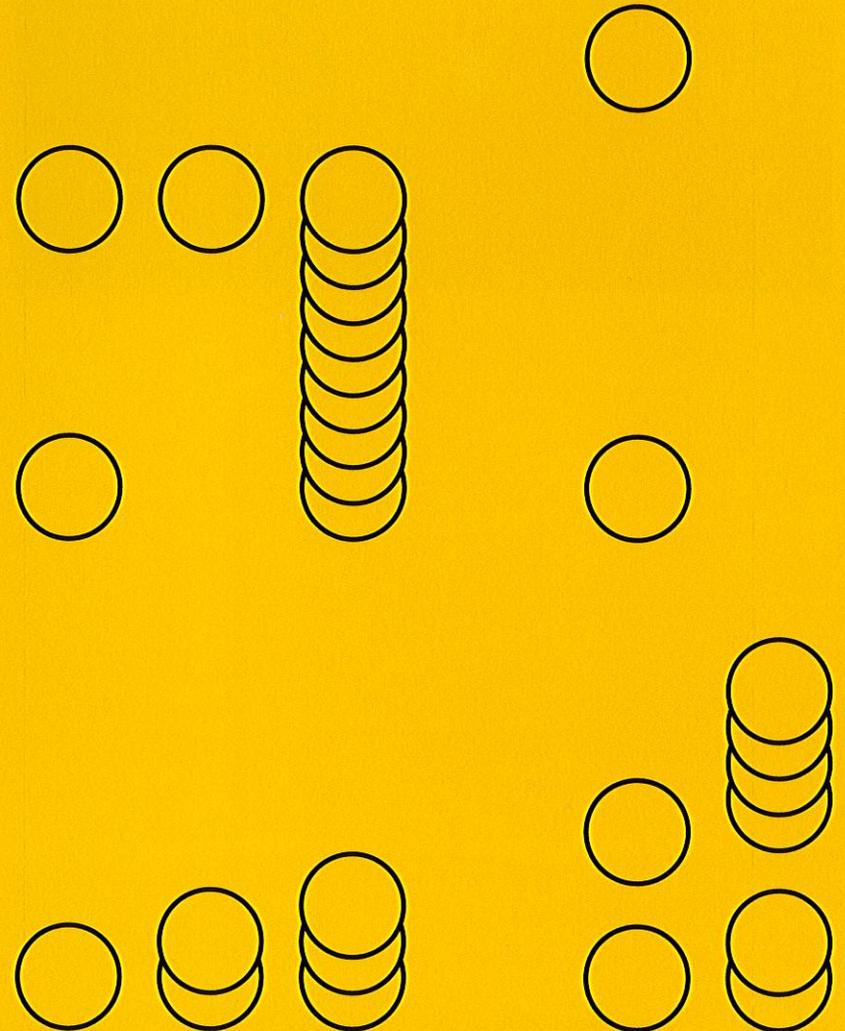
Representar deveria ser voltar a tornar presente. Mas representar torna um pensamento em coisa. Parece que os pensamentos são como estas árvores: não se repetem. Podemos pensar duas vezes na mesma coisa?

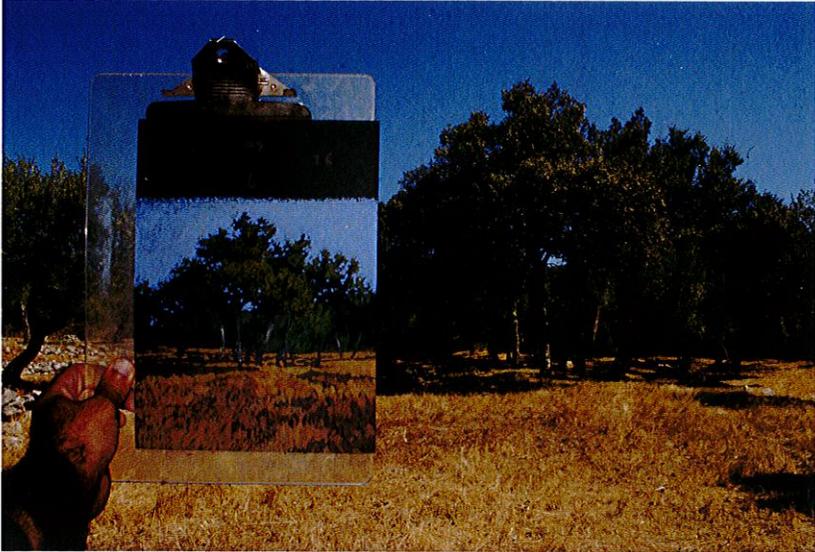
João Paulo Queiroz

João Paulo Queiroz: Curso Superior de Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Mestre em Comunicação, Cultura, e Tecnologias de Informação pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Doutor em Belas-Artes pela Universidade de Lisboa. É professor na Faculdade de Belas-Artes. Diversas exposições individuais de pintura. Prémio de Pintura Gustavo Cordeiro Ramos pela Academia Nacional de Belas-Artes em 2004.

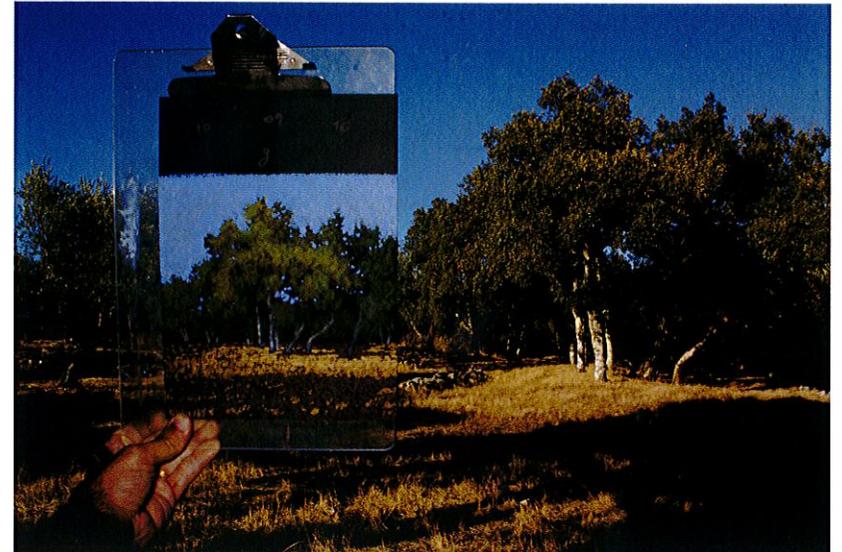
João Paulo Queiroz

Aveiro, 1966





fotografia #098 da série "evidências," de 2016.



fotografia #111 da série "evidências," de 2016.

Fazer a escrita, diário razão e balancete, linhas de receitas e despesas, páginas de lucro e prejuízo, livros de palavras e números.

Este projecto coloca o espaço da página do livro de contabilidade e o espaço do escritório em contraponto e justaposição. Deste modo são as páginas da edição que se agrupam nos cadernos constituintes do livro para assim surgirem planificadas e no seu todo constituírem o próprio objecto livresco, distribuído pelo gabinete de economia e gestão.

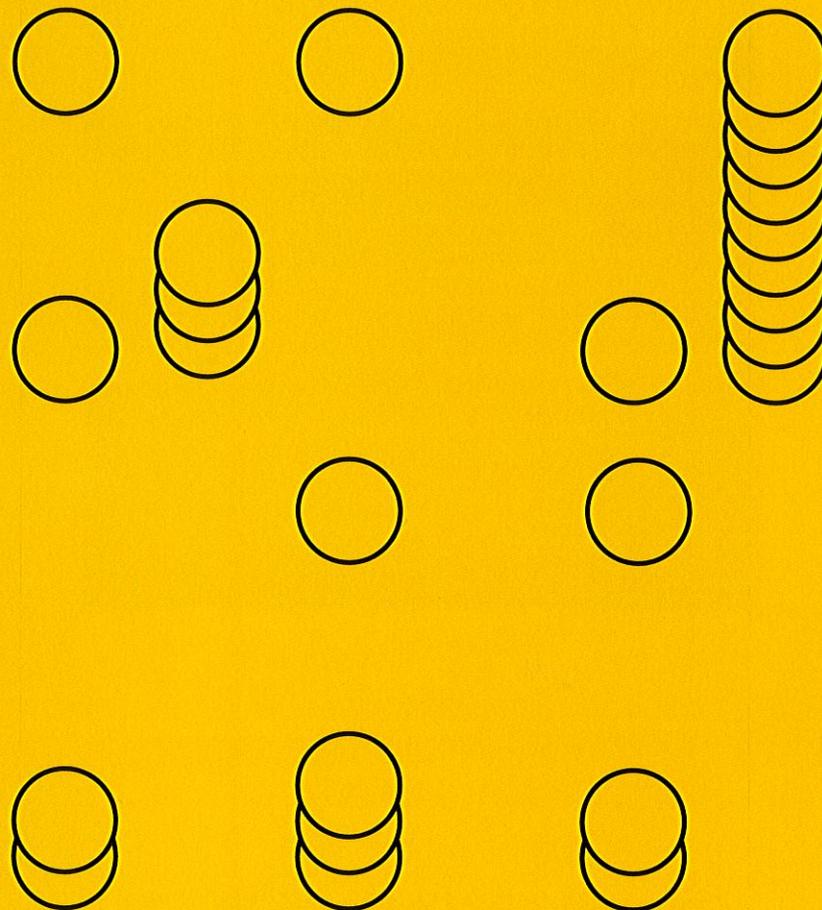
O trabalho apresentado é constituído por pinturas em acrílico sobre papel, no formato 70x100, com dobras que pretendem representar o livro planificado e a sua imposição tipográfica. As linhas horizontais representam as linhas da escrita contabilista com abertura de parágrafo e entrelinha. A volumetria do traço diz respeito ao tamanho do corpo de letra seleccionado tendo em conta a diversidade gráfica dos conteúdos.

Jorge dos Reis, Lisboa, Junho 2016.

Jorge dos Reis: Foi aprendiz compositor tipógrafo com um primeiro-oficial de tipografia da Imprensa Nacional numa antiga oficina tipográfica do Cais do Sodré em Lisboa. Frequentou o Conservatório Nacional onde estudou canto e composição. Master of Arts pelo Royal College of Art em Londres, Mestre em Sociologia da Comunicação pelo ISCTE, Doutorado em Design de Comunicação pela Universidade de Lisboa. Professor Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes onde fundou e dirige o Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas. Foi Visiting lecturer das universidades de Norwich, Liubliana, Berlin, Bolonha, Helsínquia, Tampere, Antuérpia, Istambul e Veneza. Iniciou o seu percurso projectual colaborando com o designer Robin Fior (Lisboa) e com o tipógrafo Alan Kitching (Londres). A sua obra é extensa e diversa, tendo uma actividade dual enquanto projectista e artista: faz design gráfico e tipográfico tendo-se estabelecido em atelier próprio em 1996; expõe desenho e pintura, faz performance, realizando exposições individuais e participando em mostras colectivas em Portugal e no estrangeiro.

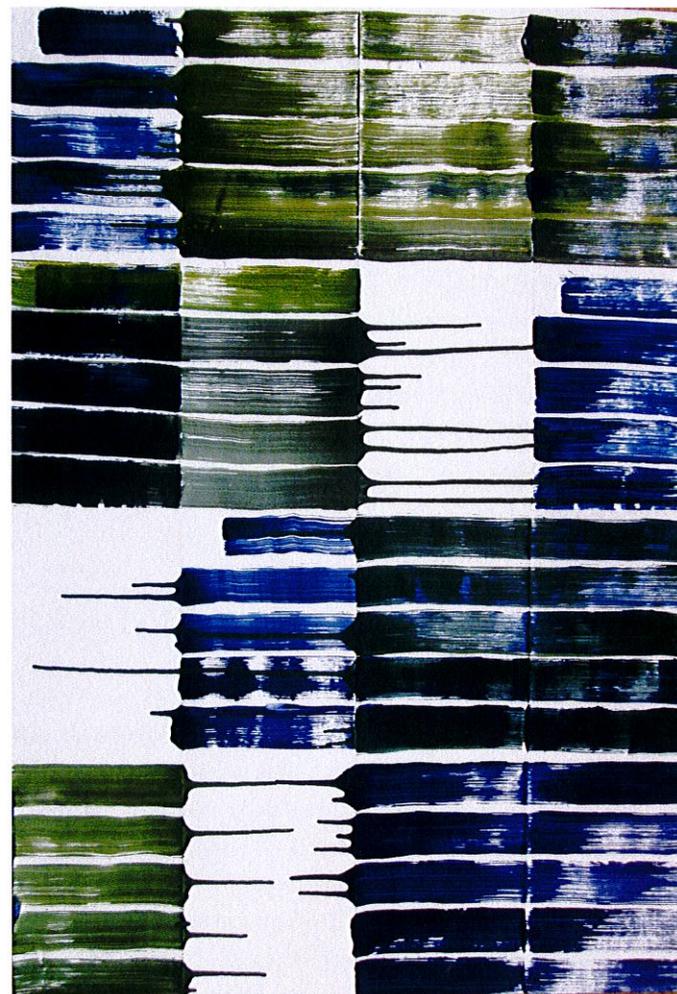
Jorge dos Reis

Unhais da Serra, 1971





Fazer a escrita 1, (2015). Acrílico sobre papel, 100cm x 70cm



Fazer a escrita 2, (2015). Acrílico sobre papel, 100cm x 70cm

.....
“ (...) Porque é preciso que nos saibamos perder durante um tempo se quisermos aprender alguma coisa daquilo que nós próprios não somos.”

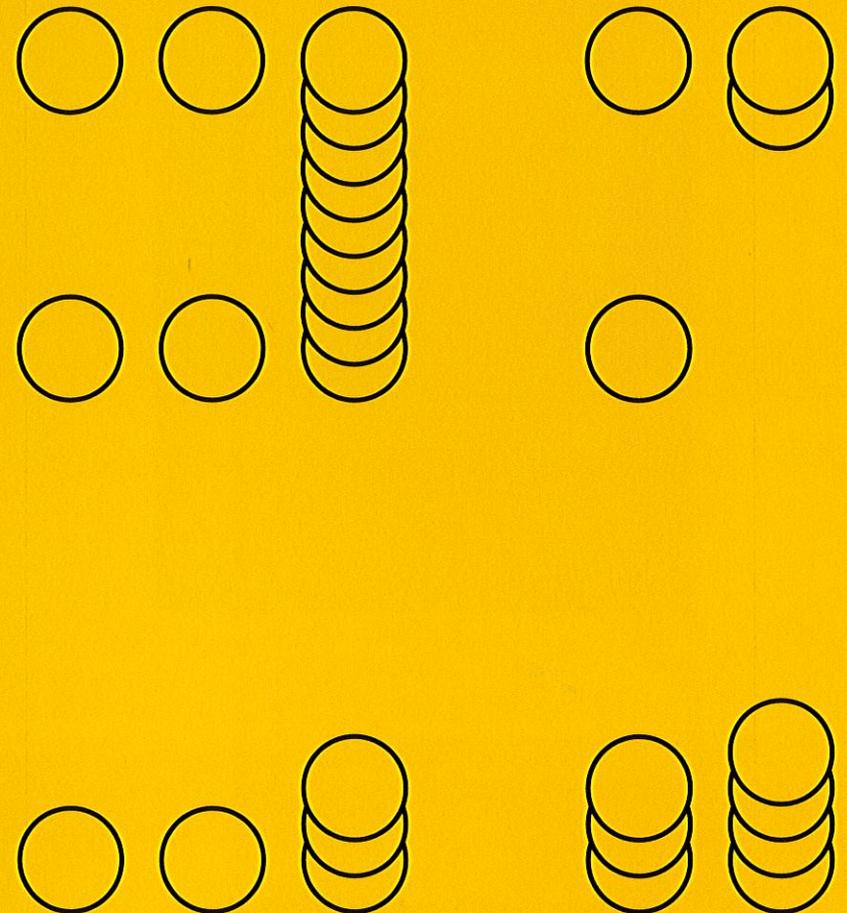
Frederico Nietzsche, “A Gaia Ciência”, página 212, Guimarães Editores, Lisboa, 1967.

.....
Manuel Gantes: Professor de Desenho na FBAUL. Obteve bolsas da FLAD, Fundação Oriente, FCG, SEC e Ministério da Cultura Holandês. Realizou Pós-graduação em História da Arte em 1998 na UNL, Mestrado em pintura na FBAUL em 2003 e Doutoramento em Desenho, também na FBAUL, em 2013. Tem desenvolvido intensa actividade artística, sobretudo no domínio da pintura e do desenho. Tem exposto em instituições públicas e galerias privadas em Portugal, Espanha, França, Luxemburgo, Brasil, Croácia, Arábia Saudita, Bulgária e Holanda. A sua obra encontra-se representada em colecções públicas e privadas, nacionais e internacionais. Vive e trabalha em Lisboa. A sua próxima exposição confirmada será no Museu Militar de Lisboa em 2017, integrada no projecto “Evocação da Primeira Guerra” com curadoria de Ilídio Salteiro.

<https://sites.google.com/site/manuelgantes1>

Manuel Gantes

Figueira de Castelo Rodrigo, 1967





Sem título, 89 x 50,5 cm, óleo sobre tela, 2011.



Sem título, 150 x 100 cm, óleo sobre tela, 2012-2016.

.....

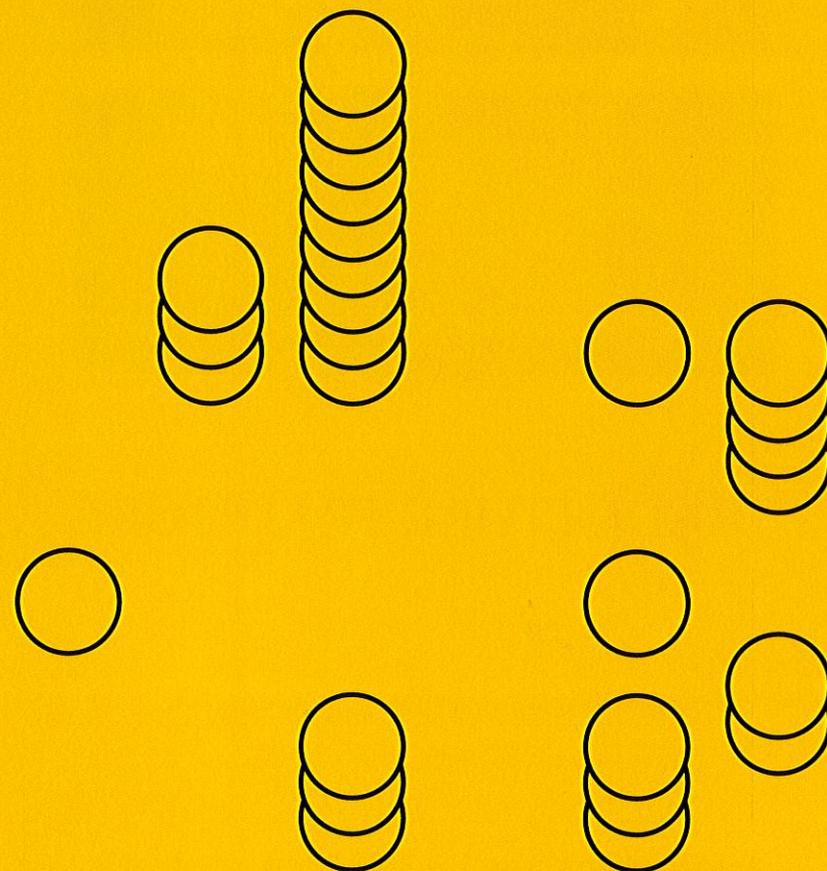
Meus dois trabalhos constantes desta exposição, foram concebidos em Lisboa, 2015, e especialmente para esta mostra. *Traduttore Traditore* faz alusão ao fato de o Brasil-República ter adotado o nome traduzido literalmente daquele que as Treze Colônias haviam assumido, porém sem alcançar o mesmo destino de grandeza econômica e poder, no Planeta – daí, Tradutor = Traidor. Em sua pose estampada na nota de 1 dólar, Washington vira-se para a direita de quem olha, sendo que na nota de 1 cruzeiro Tamandaré se volta para a esquerda. A nota estadunidense traz a imagem da estabilidade das, enquanto que o cruzeiro nem mais circula. No *Monumento ao Dinheiro*, reúno ditos das mais diversas procedências e que têm tido curso no Brasil, os quais traduzem o elogio do, e o descaso pelo dinheiro. Ditos populares: coisa de velhos, que tentam impingir suas crenças aos mais novos ou, se se quiser, quase-sempre, coisas de uma sabedoria popular, conservadora. Um monumento que poderia ser ainda maior.

.....

Omar Khouri: Nasceu em Pirajuí – SP, Brasil, em 1948. Possui Graduação em História pela Universidade de São Paulo, Mestrado e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É Livre-Docente em Teoria e Crítica da Arte pelo Instituto de Artes da UNESP e possui Pós-Doutorado pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Atualmente é Professor Adjunto no Departamento de Artes Plásticas do IA-UNESP, campus de São Paulo-Brasil. É poeta, artista gráfico, editor, historiador e crítico de linguagens, ocupando-se, também, com a elaboração de uma prosa ficcional artística de caráter experimental. Possui poemas publicados em revistas editadas à margem dos sistemas editoriais, como *Código*, *Artéria*, *Qorpo Estranho*, *Atlas* etc. Participou de exposições de Poesia Intersemiótica no Brasil e em outros países. Está à frente da Nomuque Edições como co-editor. Exerce profissionalmente a Docência desde o ano de 1970.

Omar Khouri

Pirajuí, São Paulo, 1948





TRADUTTORE TRADITORE

Traduttore Traditore, Lisboa: 2015. 29,5 X 41,5 cm. Impressão digital

time is money **dinheiro compra tudo** cada um tem seu preço **cada um vale o que tem** com quem pode não se brinca **de grão em grão a galinha enche o papo** dinheiro a gente ganha **dinheiro demais faz mal** dinheiro: dar dói **dinheiro é poder** dinheiro é sempre bom **dinheiro fácil vai fácil** dinheiro: melhor tê-lo que não o ter **dinheiro não aceita desafio** dinheiro não é tudo **dinheiro não traz felicidade** dinheiro no bolso não pesa **dinheiro não traz felicidade: manda buscar** dinheiro nunca é demais **dinheiro para mim não é problema: eu não tenho mesmo** dinheiro que vai não volta **é dando que se recebe** há coisas que o dinheiro não pode comprar **nada é caro desde que o dinheiro possa comprar** não me importo com dinheiro desde que eu o tenha **o porco engorda com o olho do dono** o tostão branco serve para o dia preto **por dinheiro vende até a mãe** quem dá aos pobres empresta a Deus **quem poupa tem** quem tem dinheiro tem tudo **rico: ridico** ter faz parecer e não ser **dei duro pra ganhar** é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico ir para o Céu

MONUMENTO AO DINHEIRO

Omar Khouri Lisboa 2015

Monumento ao dinheiro, Lisboa: 2015. 29,5 X 41,5 cm. Impressão digital

.....

Amado e odiado, o dinheiro quer queiramos quer não, é um bem coletivo de que todos precisamos.

É impessoal. Corre por todas as mãos, é investido, distribuído, partilhado, acumulado e roubado. Pode salvar ou retirar vidas, tudo depende das mãos por que passa.

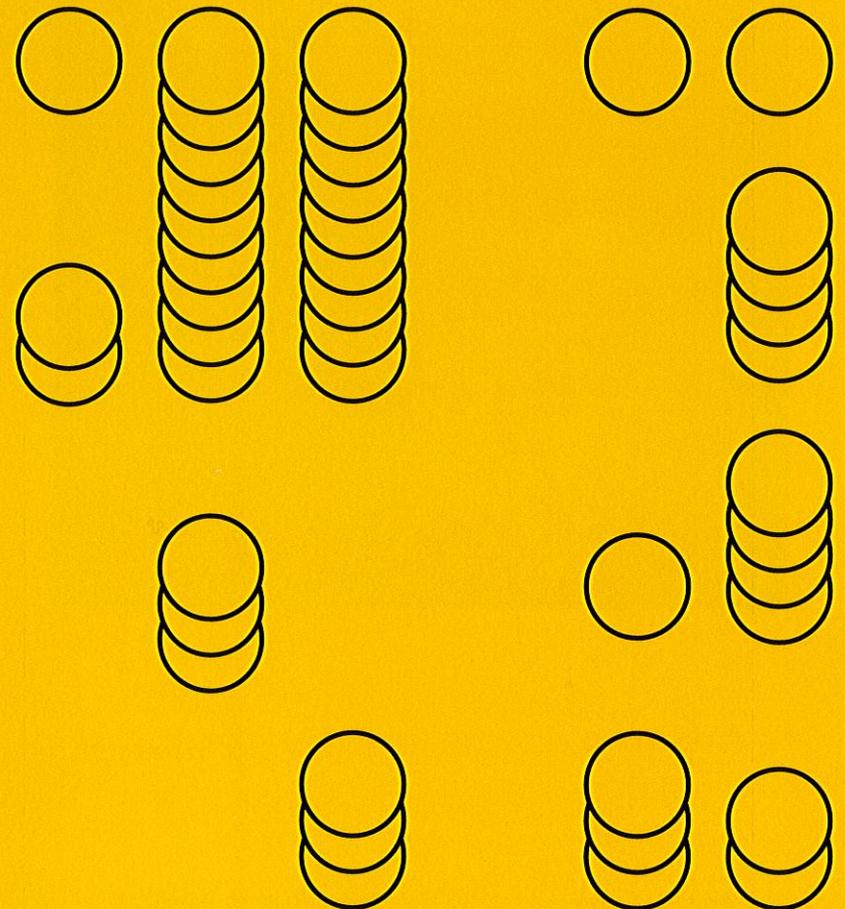
Como um elo, o dinheiro une-nos e expressa o modo como nos relacionamos, os nossos desejos e medos. É um confidente que nos satisfaz dando-nos bem-estar, confiança e poder.

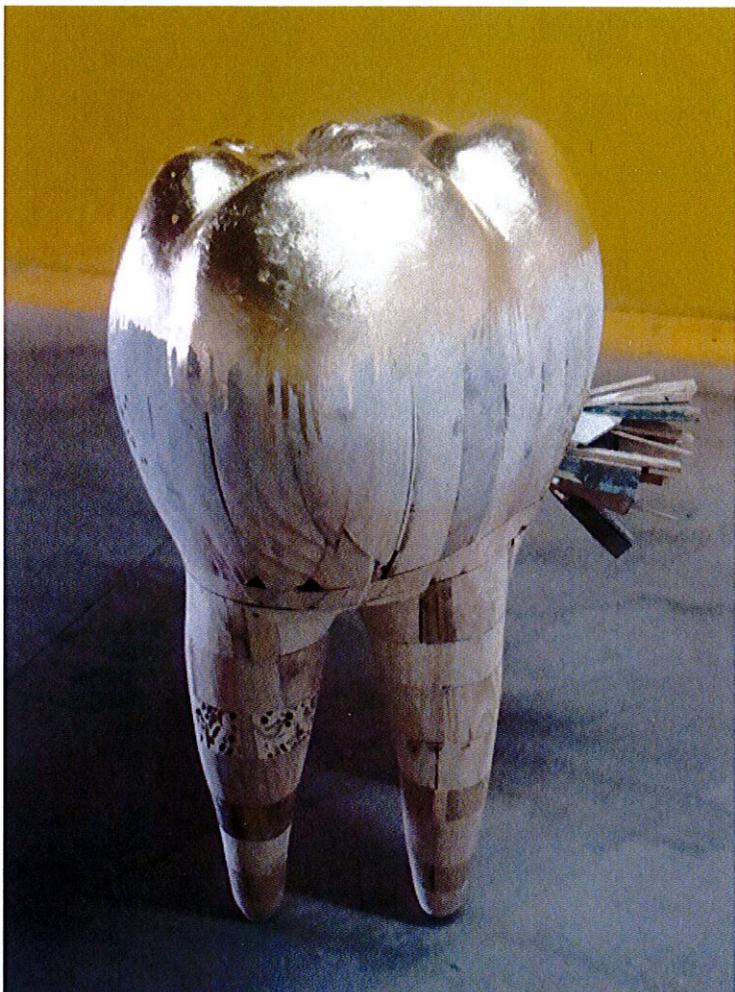
.....

Rodrigo Baeta: 1998–Exposição Coletiva do Workshop da Oficina de Angra 96
“Pintura-Objecto-Escultura”– Casa do Sal – Angra do Heroísmo. 1999
–“Perfeito/Defeito” – Casa do Corpo Santo/Museu do Barroco – Setúbal. 2002 –
Exposição temática “Visões do Corpo” – Casa do Corpo Santo/Museu do Barroco,
Museu do trabalho Michel Giacometti, Casa de Bocage/Galeria Municipal de Artes
Visuais–Setúbal. 2004 – “Passagens” – Galeria da Biblioteca Municipal Miguel Torga
– Miranda do Corvo. 2005 – “Começo” - Galeria Municipal de Fitaes – Rio de
Mouro. 2008 – “Negações” – Galeria da Casa da Cultura Jaime Silva Lobo – Ericeira.
2010 – “Abstracções” – Galeria da Biblioteca Municipal de Leiria-Leiria.

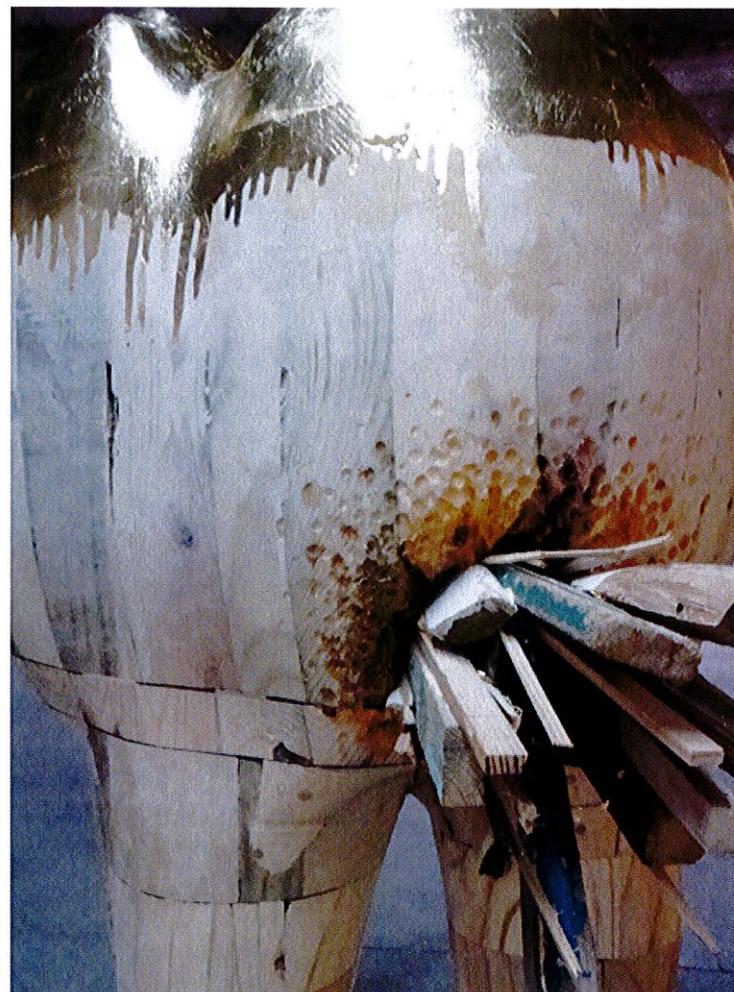
Rodrigo Baeta

Lisboa, 1969





Dente de Constantino (2016). Madeira policromada, 120x85x55



Dente de Constantino (2016). Madeira policromada, 120x85x55



DINHEIRO

.....
Lista das obras expostas

Lista das obras expostas

Antonio García López, Valencia, 1970.

Monstro dinheiro, 2016. Colagens e técnicas mistas, 50 x 50 cm.

Bebês roubados, 2014. Colagens e técnicas mistas, 55 x 55 cm.

Sonegadores de capital, 2014. Colagens e técnicas mistas, 50 x 50 cm.

Prémio de risco, 2014. Colagens e técnicas mistas, 50 x 50 cm.

Corte, 2016. Colagens e técnicas mistas, 50 cm x 50 cm.

Cristóvão Valente Pereira, Lisboa, 1966

Abaco, 2016. Maquete à escala 1:5 em polietileno recortado por CNC e colado, 19,4 x 12,8 x 26,6cm

Ilídio Salteiro, Alcobaça, 1953

Aleatório Valor Rigor (I), 2016. Óleo sobre tela, 62 cm x 57 cm.

Aleatório Valor Rigor (II), 2016. Óleo sobre tela, 84 cm x 111 cm.

Aleatório Valor Rigor (III), 2016. Óleo sobre tela, 90 cm x 66 cm.

Aleatório Valor Rigor (IV), 2016. Óleo sobre tela, 93 cm x 74 cm.

Aleatório Valor Rigor (V), 2016. Óleo sobre tela, 97 cm x 116 cm.

Aleatório Valor Rigor (VI), 2016. Papel plastificado,

Aleatório Valor Rigor (VII), 2016. Papel plastificado,

Notas 1_5_10_20, 2016. Acrílico sobre papel,

João Castro Silva, Lisboa, 1966

Canhão, 2016. Madeira, 170 x 280 x 80 cm.

Cão, 2016. Madeira, 115 x 175 x 57 cm.

João Jacinto, Mafra, 1966

Néscios / matéria, 2016. Técnicas mistas sobre papel.

João Paulo Queiroz, Aveiro, 1966

Da série "evidências" (1), 2016. Fotografia #098.

Da série "evidências" (2), 2016. Fotografia #116.

Jorge dos Reis, Unhais da Serra, 1971

Fazer a escrita 1, 2015. Acrílico sobre papel, 100 cm x 70 cm.

Fazer a escrita 2, 2015. Acrílico sobre papel, 100 cm x 70 cm.

Fazer a escrita 3, 2015. Acrílico sobre papel, 100 cm x 70 cm.

Fazer a escrita 4, 2015. Acrílico sobre papel, 100 cm x 70 cm.

Manuel Gantes, Figueira de Castelo Rodrigo, 1967

Sem título, 2011. Óleo sobre tela, 89 cm x 50,5 cm.

Sem título, 2016. Óleo sobre tela, 150,5 cm x 100 cm.

Omar Khouri, Pirajuí, São Paulo, 1948

Traduttore Traditore, Lisboa, 2016. Impressão digital, 29,5 X 41,5 cm.

Monumento ao dinheiro, Lisboa, 2016. Impressão digital, 29,5 X 41,5 cm.

Rodrigo Baeta, Leiria, 1969

Dente de Constantino, 2016. Madeira, 120 cm x 85 cm x 55 cm.
